

## O que é um autor-editor? Provocações acerca das publicações independentes no Rio Grande do Norte

---

What is an author-editor? Provocations about independent publications in Rio Grande do Norte

¿Qué es un autor-editor? Provocaciones sobre publicaciones independientes en Rio Grande do Norte

**Cellina Rodrigues Muniz**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/Brasil)

### RESUMO

Neste artigo, apresento algumas considerações sobre a constituição de sujeitos autores-editores de publicações independentes no Rio Grande do Norte, região do Nordeste brasileiro. A partir de relatos de seis sujeitos sobre seus ofícios, busco compreender que elementos dariam unidade a suas práticas, dos quais destaco o reconhecimento das parcerias e o reconhecimento do processo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autor-editor; Publicações independentes; Campo discursivo.

### ABSTRACT

*In this article, I present some considerations about the constitution of author-editor subjects of independent publications in Rio Grande do Norte, region of the Brazilian Northeast. Based on the reports of six subjects about their professions, I try to understand what elements would give unity to their practices, of which I highlight the recognition of partnerships and the recognition of the process.*

**KEYWORDS:** *Author-editor; Independent publications; Speaking field.*

---

\* Sobre a autora ver página 121.



**RESUMEN**

*En este artículo, presento algunas consideraciones sobre la constitución de autores-editores de publicaciones independientes en Rio Grande do Norte, noreste de Brasil. A partir de los informes de seis temas sobre sus oficinas, busco entender qué elementos darían unidad a sus prácticas, de los cuales destaco el reconocimiento de las asociaciones y el reconocimiento del proceso.*

**PALABRAS CLAVE:** *Autor-editor; Publicaciones independientes; Campo de discurso.*

**1 Palavras iniciais**

Livro, livro, vasto livro... Incrustadas em suas páginas impressas, quantas condições tornaram-no possível? Ampliando um pouco mais tal questão, pergunto: E o que tornou possível o sujeito por trás não só do livro ser também o sujeito do texto que há no livro<sup>1</sup>? Em outras palavras, o que constitui um indivíduo em um sujeito autor-editor? É a respeito disso que vou tratar neste artigo, buscando compreender em última instância algumas das condições de produção das práticas de sujeitos autores-editores do circuito livreiro independente em Natal, capital do Rio Grande do Norte, estado do Nordeste brasileiro.

Nesse rumo, este artigo se estrutura em três partes: tomo como ponto de partida, primeiramente, os conceitos de *campo* e *posicionamento discursivo* propostos por Dominique Maingueneau (2001; 2010; 2012), o que implica discorrer acerca de regras e regularidades de um *setor bem limitado da sociedade* (MAINGUENEAU, 2010, p. 49) e que condicionam não só as atividades, mas a própria constituição desses sujeitos. A partir daí, procuro compreender como determinados indivíduos compreendem a própria função de autores-editores, para o que busco embasamento nas considerações de Michel Foucault sobre uma *cultura de si*, ou seja, exploro a própria reflexão que esses sujeitos fazem sobre suas *práticas* como uma relação *de si para consigo* (FOUCAULT, 2007; 2018). Em seguida, partindo de relatos de seis autores-editores em atividade no RN<sup>2</sup>, isto é, poetas e ficcionistas que criaram seus próprios selos editoriais e são responsáveis pelo processo de publicação (de seus livros e/ou de outros), procuro interpretar que elementos fomentariam a constituição de si desses

<sup>1</sup> Recordo a distinção que faz Chartier (2007) a respeito de livro e texto: *Se o corpo do livro é resultado do trabalho dos impressores, sua alma não é confeccionada apenas pelo autor, mas recebe sua forma de todos aqueles, como o mestre impressor, os compositores e os revisores que cuidam da pontuação, da ortografia e da mise en page (paginação)* (CHARTIER, 2007, p. 94). Nessa esteira, retomo também Salgado (2013, p. 261), que também diferencia o ato de redigir (enunciar) e o ato de editar (co-enunciar).

<sup>2</sup> Tais relatos tiveram como base em sete questões abertas (respondidas por escrito e à distância). As questões, enviadas e respondidas ao longo do segundo semestre de 2019, são: 1) *Faça, livre e resumidamente, uma apresentação de si.* 2) *Conte um pouco sobre suas primeiras experiências como autor (como e quando começou, primeiras publicações, possíveis influências e acontecimentos ligados a isso etc.).* 3) *Como iniciou-se na experiência de também editar? (quando e como começou, quantos e quais títulos/anos, surgimento do seu selo editorial etc.).* 4) *Que situação ou acontecimento em particular você apontaria na sua história como autor-editor?* 5) *Que principais dificuldades podem ser apontadas na sua função de autor e/ou editor independente?* 6) *Que títulos (autorais e/ou editoriais) você destacaria na sua trajetória? Por quê?* 7) *Comente o que é, na sua opinião, ser um autor-editor?*

sujeitos a partir de suas próprias reflexões acerca de suas práticas autorais e editoriais específicas do circuito independente do livro – livro, vasto livro – potiguar.

## 2 Considerações sobre campo e posicionamento discursivo

Como se sabe, Dominique Maingueneau tem um considerável “arsenal” teórico-metodológico. E, embora pareça que neste artigo uma de suas discussões relevantes seja sobre *autoria*<sup>3</sup>, prefiro abordar outros conceitos que me parecem ser de grande produtividade, já que fortemente atrelados às condições de possibilidade de uma prática discursiva – objeto e objetivo, como se sabe, de qualquer pesquisa em AD – : trata-se de *campo* e *posicionamento discursivo*.

Inspirado no conceito de campo social de Bourdieu, assim define Maingueneau o que seja um campo discursivo:

Um espaço no interior do qual interagem diferentes “posicionamentos”, fontes de enunciados que devem assumir os embates impostos pela natureza do campo, definindo e legitimando seu próprio lugar de enunciação (MAINGUENEAU, 2010, p. 50).

Em suma, um campo discursivo se constitui como um segmento da sociedade, marcado por lugares e temporalidades enunciativas que demarcam por sua vez diferentes posicionamentos (uma tomada de posição que se manifesta por princípios ideológicos, por funções, investimentos estéticos, procedimentos utilizados para materializar um discurso etc.).

Pode-se pensar, portanto, que há um campo discursivo editorial em Natal, marcado pela existência também de um posicionamento que, por suas formas de produção, pode ser classificado como *independente*. Aliás, definir o que seja uma produção independente pressupõe o reconhecimento desses tipos de posições do campo. Em relação à produção cultural, Muniz Jr. (2016), por exemplo, afirma que

A produção cultural independente será concebida como aquela que está fora – ora por escolha, ora por condição – dos circuitos e mercados massivos; que não adota as lógicas dos grandes conglomerados de cultura e mídia; que se identifica com métodos artesanais de produção, com o experimentalismo estético e/ou com discursividades dissonantes, alternativas, contra-hegemônicas. Ao mesmo tempo que se opõe implicitamente ao dependente (ou seja, aos agentes e às práticas subordinados a tais lógicas), esse produtor se definirá a contrapelo de certos carrascos da dependência – o

---

<sup>3</sup> Segundo Maingueneau (2011, p. 30), há que se considerar três instâncias implicadas na autoria: – Aquele que responde por um texto, um nome que o assina e pelo qual o afiança, um *autor-responsável*; – Aquele que organiza sua existência em torno de uma atividade de produção de textos, gerindo uma carreira, um *autor-ator*; – Aquele que se correlaciona a uma obra, consagrado como o detentor de um *opus*, de estatuto mais raro posto que implica um prestígio maior, um *Auctor*.

mercado, o *mainstream*, as empresas privadas, os grandes conglomerados, as instâncias públicas etc. que controlam a produção, a circulação e a consagração dos bens simbólicos (MUNIZ JR., 2016, p. 16).

Cada tipo de posicionamento (oficial ou independente, central ou periférico etc.), por sua vez, implica um conjunto de *ritos genéticos* e uma relação radical e inextricável (de perto ou de longe) entre vida e obra de seus sujeitos. A respeito disso, que Maingueneau denomina *efetuação bio/gráfica* (2001): *A obra só pode surgir se, de uma maneira ou de outra, encontrar sua efetuação numa existência* (MAINGUENEAU, 2001, p. 54).

No caso do campo literário e editorial, há que se pensar nos comportamentos diretamente mobilizados a serviço da criação, que assim supõem um modo de vida capaz de tornar possível uma obra singular (MAINGUENEAU, 2001, p. 48). Em síntese: pensar discursivamente os atos de escrita, edição e publicação de livros pressupõe considerar *uma convergência entre uma maneira de viver e de escrever* (e editar e publicar) *uma obra* (MAINGUENEAU, 2012, p. 160).

Isto posto, cabe então indagar: a respeito dos sujeitos enquadrados nesse posicionamento “independente” do campo editorial de Natal, como eles veem a si mesmos e como veem suas práticas a partir de suas existências? Que elementos podem ser considerados como condição básica na sua constituição como autores-editores?

## 2 Considerações sobre autoria e cultura de si

A discussão acerca da autoria não poderia deixar de ser abordada pelas teorias do discurso. Afinal, se, de modo geral, os estudos discursivos se preocupam em analisar como *sujeitos* produzem, fazem circular e consomem *sentidos*, é de se esperar que uma perspectiva discursiva se debruce, também, sobre a questão de como exercícios de diferentes autorias atuam na constituição de subjetividades.

Michel Foucault é nome imprescindível na reflexão sobre a autoria. Em uma conferência proferida em 1969 e publicada primeiramente no *Bulletin de la Société Française de Philosophie – O que é um autor?* – assim declara o pensador francês (FOUCAULT, 2001, p. 297):

Essa noção do autor constitui o momento crucial da individualização<sup>4</sup> na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas, e também na história da filosofia e das ciências. Mesmo hoje, quando se faz a história de um conceito, de um gênero literário

<sup>4</sup> Há, aí, uma alusão, sem dúvida, à relação da autoria com o direito de propriedade. Chartier (2012) questiona a data apresentada por Foucault como momento histórico em que a função autor passa a se configurar com força (para Foucault, fins do século XVIII, para Chartier, antes), a partir da disputa pela propriedade da obra e pelo direito autoral. E mais: para Chartier, também interessado na historicidade das operações, dos atores e dos lugares que constituem o processo de composição dos livros, no que se incluem evidentemente as obras literárias, “é no interior da defesa do direito do livreiro-editor, e não do autor, que ela (a função autor) se afirma” (CHARTIER, 2012, p. 42).

ou de um tipo de filosofia, acredito que não se deixa de considerar tais unidades como escansões relativamente fracas, secundárias e sobrepostas em relação à primeira unidade, sólida e fundamental, que é a do autor e da obra.

Mas é substancialmente em *A Arqueologia do Saber* (1995), livro lançado naquele mesmo ano de 1969, que Foucault vai propor a suspensão de conceitos até então utilizados sem maiores questionamentos (autor e obra) para elaborar o seu conceito de *formações discursivas* como novas unidades de análise. Afirma Foucault (1995, p. 26) sobre a aparente “harmonia” na associação entre obra e autor:

Aparentemente, entretanto, o que há de mais simples? Uma soma de textos que podem ser denotados pelo signo de um nome próprio. Ora, essa denotação (mesmo se forem deixados de lado os problemas da atribuição) não é uma função homogênea: o nome de um autor denota da mesma maneira um texto que ele próprio publicou com seu nome, um texto que apresentou sob pseudônimo, um outro que será descoberto após sua morte, em rascunho, um outro ainda que não passa de anotações, uma caderneta de notas, um “papel”?

Há, portanto, uma série de relações entre autor e obra que não são nada homogêneas: relações de nomeação, de apropriação, de atribuição, de posição. E, a partir dessa heterogeneidade, desloca-se a questão “o que é um autor?” para outra – “em que se constitui a *função* autor?”

O que me interessa neste estudo, a partir daí, é compreender como os sujeitos do campo editorial de Natal se concebem a si mesmos a partir da reflexão que fazem sobre a função de autores-editores e o conjunto de suas práticas. E, para isso, a contribuição foucaultiana será de outra perspectiva. O próprio Foucault reconhece uma descontinuidade da sua obra a partir de três momentos e três focos de interesse quando faz o seguinte balanço:

Um deslocamento teórico me pareceu necessário para analisar o que frequentemente era designado como progresso dos conhecimentos: ele me levava a interrogar-me sobre as formas de práticas discursivas que articulavam o saber. E foi preciso também um deslocamento teórico para analisar o que frequentemente se descreve como manifestações do “poder”: ele me levava a interrogar-me sobretudo sobre as relações múltiplas, as estratégias abertas e as técnicas racionais que articulam o exercício dos poderes. Parecia agora que seria preciso empreender um terceiro deslocamento a fim de analisar o que é designado como “o sujeito”; convinha pesquisar quais são as formas e as modalidades da relação consigo através das quais o indivíduo se constitui e se reconhece como sujeito (FOUCAULT, 2007, p. 11).

A expressão “cultura de si”, assim, está no cerne dos trabalhos da terceira fase de Michel Foucault, que se dedicou a questões como cuidado e

conhecimento de si, ou seja, a relação do sujeito em *ocupar-se consigo, para si mesmo*, especificamente no período da antiguidade e especificamente em relação a um sujeito do desejo (cf. FOUCAULT, 2018).

Certamente, o modelo de investigação foucaultiano sobre as formas com que aqueles indivíduos trataram, de si para si, de um “conhece-te” e de um “cuida-te”, só podem servir aqui como inspiração *en passant*. Que seja. Por enquanto, acredito que o conjunto das questões enviadas não deixa de ser, também, um instrumento para essa ocupação consigo mesmo, em que supostamente estaria traçada a verdade de uma subjetividade. E é com base em seus relatos que procuro interpretar *os modos pelos quais os indivíduos são levados a se reconhecerem como sujeitos* (FOUCAULT, 2007, p. 10), no caso, sujeitos autores-editores.

### 3 A constituição de sujeitos autores-editores independentes em Natal-RN

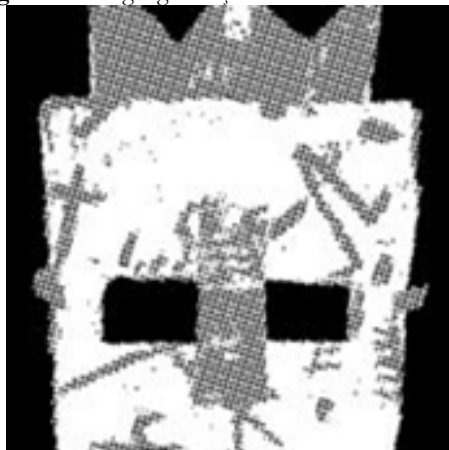
Natal em particular e o Rio Grande do Norte em geral possuem uma significativa tradição editorial (cf. FERNANDES, 1998 e MELO, 1987). Evidentemente, não há fôlego aqui suficiente para tratar de maiores desdobramentos acerca de posicionamentos no campo editorial que não seja reduzido ao par *publicações oficiais* (no que me atrevo a enquadrar como governo do estado do RN por meio da Fundação José Augusto, prefeitura municipal de Natal por meio da Funcart e ainda Academia Norte-rio-grandense de Letras) e *publicações independentes* (em que os agentes responsáveis pelo livro assumem as principais frentes, como escrita propriamente dita, passando pelas funções de revisão, diagramação, impressão, divulgação e distribuição), responsabilizando-se, sobretudo, pelos recursos que viabilizam tal publicação.

No período em este estudo aconteceu (especialmente o segundo semestre de 2019), observa-se um considerável campo editorial em atividade por ora em Natal, inclusive passível de ser focado como produção independente. Destaco os selos e sujeitos autores-editores aqui abordados (com produções datadas até 2019), apresentando informações básicas como *título do selo, autor-editor, ano de criação e quantidade média de títulos lançados*, além das logomarcas de tais selos, por meio de figuras de 1 a 6 e do quadro 1:

Figura 1. Flor do Sal de Adriano de Sousa



**Figura 2.** Munganga Edições de Victor H. Azevedo



**Figura 3.** Caravela Selo Cultural - José Correia Torres Neto



**Figura 4.** Z Editora/Ozair Vasconcelos



Figura 5. Queima-Bucha - Gustavo Luz



Figura 6. UNA Editora - Marize Castro



Quadro 1. Síntese da produção de alguns dos autores-editores de publicações independentes no RN

SELO EDITORIAL	AUTOR-EDITOR	ANO DE CRIAÇÃO	QUANTIDADE DE TÍTULOS PUBLICADOS (ATÉ 2019)
FLOR DO SAL	ADRIANO DE SOUSA	2009	31
MUNGANGA EDIÇÕES	VICTOR H. AZEVEDO	2017	11
CARAVELA SELO CULTURAL	JOSÉ CORREIA	2010	96
Z EDITORA	OSAIR VASCONCELOS	2000	26
QUEIMA-BUCHA	GUSTAVO LUZ	1985	Sem estimativa
UNA EDITORA	MARIZE DE CASTRO	2004	50 (estimativa)



Apresento, nos subitens a seguir, alguns dos critérios identificados por mim e que poderiam ser apontados como condição na produção desses autores-editores.

### 3.1 *Companheiros, uni-vos!*

Embora Maingueneau (2012) tenha enfatizado o aspecto bélico dos campos discursivos ao tratá-los como “espaço conflitual”, é preciso não esquecer as alianças e acordos que estão também no cerne das práticas discursivas em suas condições de realização e acontecimento.

Em seus depoimentos, um dos elementos que me chamou a atenção (e que pode ser considerado tanto condição de produção das obras como também de constituição de si dos sujeitos) tem a ver com o que se possa chamar de, talvez, companheirismo.

No seu poema-épico-ensaio *Assim falou Zaratustra* (NIETZSCHE, 1983), o filósofo intempestivo celebra um modo de ser-estar no mundo num discurso que, me parece, é reatualizado nos relatos dos sujeitos aqui abordados: um ser não como rebanho nem como cadáver, mas sim como *companheiros de criação*, inclusive na aventura de materializar um texto em livro.

Uma luz raiou em mim: de companheiros eu preciso, e vivos – não de companheiros mortos e cadáveres, que levo comigo aonde quero. Preciso, sim, de companheiros vivos, que me sigam porque querem seguir-se a si mesmos – e para onde eu queira. Uma luz raiou em mim! Quero unir-me aos que criam, que colhem, que festejam! (NIETZSCHE, 1983, p. 39-40).

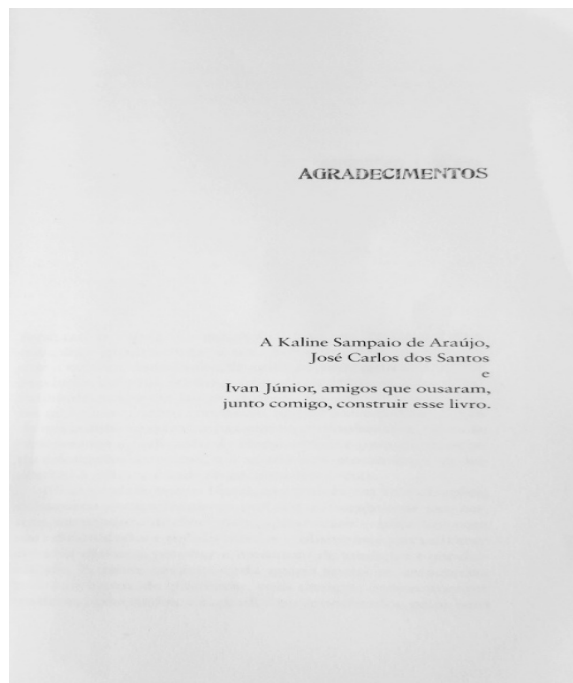
Assim, embora Câmara Cascudo supostamente tivesse dito que *Natal nem consagra nem desconsagra ninguém*, faz-se cultura e livro no Rio Grande do Norte. O que quero ressaltar, a partir daí, é um primeiro elemento que me parece constitutivo nas condições de constituição desses sujeitos autores-editores: *o reconhecimento das parcerias de criação*.

Para ilustrar isso, tomo como pequeno exemplo o caso registrado pela figura abaixo, página de agradecimento em que um dos autores-editores aqui abordado presta reverência a um nome que, mais do que parceiro na esfera íntima, também cumpre função no campo editorial de Natal: Ivan Jr., sócio proprietário da OFFSET Gráfica e Editora e sobrinho e aprendiz de Carlos Lima, lendário editor da cidade nos anos de 1970 e 1980, dono da CLIMA Edições<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Faço aqui referência a um artigo meu sobre o editor potiguar Carlos Lima: <https://www.saibamais.jor.br/ainda-sobre-a-cidade-e-os-impresos-relembrando-carlos-lima/> Acesso em 12 de abril de 2020.

Figura 7. Página de agradecimento do livro<sup>6</sup> *Travessa da Alfândega*



*As parcerias na criação*, assim, parecem-me ser um dos elementos fundamentais destacados pelos sujeitos acerca de suas trajetórias particulares na constituição como autores-editores independentes do campo editorial de Natal. Em outras palavras: as diferentes possibilidades de relações de afeto (amores, amigos, sócios etc.) me parecem elemento primordial na compreensão desses sujeitos sobre suas práticas de autoria e editoria, tal como nos parecem dizer os seguintes depoimentos:

**Comecei a editar em 2000, em parceria com o Sebo Vermelho.** Poucos anos depois, criei a Z Editora [...] O processo de edição cria uma cumplicidade entre autor e editor, muito prazerosa. E, como editor, ver o objeto-livro pronto, é extremamente recompensador (Osair Vasconcelos/Z Editora).

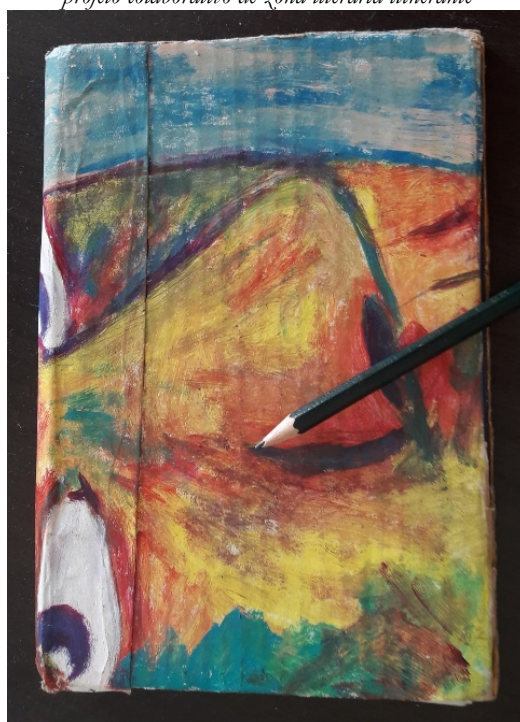
Acho que foi em 2016, 2017, que surgiu a ideia de fazer uma editora. **Eu e minha namorada da época tínhamos pensado em fazer uma pequena editora artesanal** onde nós íamos publicar nossas coisas e que ia se chamar Baleia Cambalhota, mas não foi pra frente. **Uns anos depois, conheci Ayrton Alves Badriyyah, um poeta daqui que, na época em que o conheci, estava na mesma vibe que eu de pesquisar autores do estado que fossem realmente bons**, e não um nome meramente conhecível (Victor H Azevedo/Munganga).

<sup>6</sup> livro *Travessa da Alfândega*, uma reunião de crônicas de vários autores organizada e editada por José Correia, do selo Caravela Selo Cultural.

**O selo Flor do Sal foi criado por mim e pela publicitária e historiadora Flávia Assaf** com a intenção (pouco meritória, do ponto de vista comercial) de editar títulos na área de humanidades — literatura, história, comunicação e algum etc. (Adriano de Sousa/Flor do Sal).

No final dos anos de 1990, **conheci o poeta popular Antônio Francisco, que com 48 anos estava se iniciando na arte de escrever versos, e me propôs que eu criasse uma coleção de folhetos de Literatura de Cordel**, ele tinha 9 títulos inéditos para começarmos. A publicação dos primeiros folhetos aconteceu no início dos anos 2000. Deu um grande passo na editora (Gustavo Luz/Queima-Bucha).

**Figura 8.** Capa de um livro artesanal de *projeto colaborativo de zona literária itinerante*



A figura 7 apresenta imagem de capa de um livro artesanal de um *projeto colaborativo de zona literária itinerante* (“Estados de Poesia”, 2017) que reúne o conjunto de alguns “companheiros” do campo literário independente de Natal, em que também fez presença Victor H. Azevedo, autor-editor do selo Munganga Edições. Na página de apresentação, assim se pode ler: *é preciso dar as mãos*.

Os trechos destacados em negrito nos depoimentos acima parecem indicar como cada um dos autores-editores reconhece, à sua maneira, que a sua constituição se fez a partir de um encontro ou, como prefiro chamar, uma parceria. Ao longo de suas respostas e mesmo não tendo sido indagados

diretamente sobre isso, todos destacaram esse elemento – a presença de alguém importante (uma namorada, um amigo, um sebista reconhecido ou um poeta prestigiado na cidade) na experiência de fazer-se autor e editor.

### 3.2 *Caminhante, o caminho se faz ao caminhar...*

Tomo de empréstimo o verso do poeta espanhol Antônio Machado para abordar um segundo elemento que compreendo como condição fundamental na produção das práticas e funções aqui tratadas: a constituição de si desses sujeitos autores-editores como *processo*.

Especialmente em relação à segunda e terceira questão (ver nota 1), os indivíduos, em seus relatos, assinalam, ainda que sutilmente, a sua constituição como autores-editores a partir de um exercício processual e gradativo no uso de diferentes formas de leitura, escrita, edição e publicação. Fazer uso, pois, de diferentes maneiras de fazer circular seus textos poderia ser compreendida como uma “técnica de si” a constituir a função autor-editor.

Pelo menos é o que compreendo a partir dos seguintes fragmentos:

Foi aí que criamos o Poesia Subterrânea, **um blog** onde fazíamos uma seleta de livros de poesia que catávamos em sebos, selecionávamos os melhores poemas e fazíamos uma postagem com esses poemas, mas falando também um pouco do livro, do autor e tal (Victor H Azevedo/Munganga Edições).

Nos anos 1980, publiquei **dois livros de poesia em edição mimeografada**, no contexto do que se convencionou chamar "poesia marginal" em Natal. (...) Um, solo, era "Overdose"; o outro, em dueto com o poeta Antônio Ronaldo, "Usura Colonial". Não lembro as datas exatas, e não os tenho comigo agora para precisá-las. Entre 1998 e 2008, publiquei quatro livros de poesia impressos em gráfica. O primeiro ("Flô", 1998) e o terceiro ("Saartão", 2004), custeados por mim, sem selo editorial; o segundo ("O Alvissareiro", 2002) e o quarto ("Poesia", 2008), respectivamente, pela Fundação José Augusto, do Governo do Estado, e Fundação Capitania das Artes, da Prefeitura de Natal (Adriano de Sousa/Flor do Sal).

Mostrei publicamente meus primeiros textos na Galeria do Povo e em um dos Festivais de Arte do Forte do Reis Magos. **Mimeografei várias folhas com distintos textos de minha autoria e os lancei da parte mais alta da Fortaleza dos Reis Magos para o pátio interno do prédio que fica no térreo. Foi meu batismo.** Dali não havia mais volta, as pessoas impactadas pelo que liam daquelas folhas que “vinham do céu” perguntavam quem era Marize Castro, etc. No mesmo Festival lancei um **poster** com vários poemas chamado *À luz de spots*, rodado em tipografia, foi outro desafio (Marize Castro/Uma Editora).

Na primeira década dos anos dois mil, **criei um blog para tornar público o que eu já fazia em cadernos de grampo** – escrever contos e crônicas. Passei um bom tempo escrevendo nesse blog, mas, antes tarde do que nunca, percebi o quanto eram desqualificados e, de desqualificados, já tinham tantos outros circulando na rede e decidi, acertadamente, desativá-lo (José Correia/Caravela).

Os trechos que assinalei em negrito indicam o reconhecimento que esses sujeitos têm de como seus exercícios como autores e editores confirmam a compreensão de uma escrita proficiente e profissional necessariamente feita por distintas fases e diferentes experimentos (mimeógrafos, cadernos de grampo, blogs, saraus etc.), o que também se atrela às fases de suas próprias existências.

Esse exercício processual também pode ser ilustrado, dentre outros exemplos, por meio de uma das publicações, em livro, de um dos sujeitos aqui abordados, José Correia Torres Neto, autor-editor do selo *Caravela Selo Cultural*: além de tratar a respeito do circuito da leitura em Natal (o que também atesta sua atuação no circuito do livro e da leitura), em artigo em que elabora uma reflexão sobre bibliotecas no Brasil e no RN com base no Censo Nacional das Bibliotecas Públicas Municipais, demonstra sua constituição gradativa como editor, já que tal título, uma reunião de crônicas de escritores locais – *Travessa da Alfândega* – teve como chancela “edição do autor” (TORRES NETO, 2011).

#### 4 Palavras finais

Os fragmentos dos relatos aqui apresentados dos seis indivíduos que atuam como autores-editores no campo editorial no Rio Grande do Norte certamente não têm a mesma “espontaneidade” e “vitalidade” de, por exemplo, diários pessoais, cadernos de notas, exercícios de confissão e outros dispositivos que permitam pensar as práticas de si, mas certamente, como entrevistas que são, possibilitam refletir acerca de como esses indivíduos concebem a si mesmos na função de autores-editores, numa reflexão que se articula com a compreensão que eles têm de si e de suas práticas no campo discursivo.

Ressalto, no entanto, que esse posicionamento de produção editorial independente, por sua vez, não se manifesta como um bloco compacto: esses sujeitos não necessariamente se atrelam às mesmas redes de afetividades e atividades.

Ainda assim, uma certa unidade se pôde vislumbrar entre os relatos dos diferentes indivíduos abordados, o que permite uma reflexão que, a meu ver, sugere a constituição da função autor-editor de posicionamento (“independente”) do campo (editorial) determinada não só pelas relações que esses indivíduos têm consigo e suas experiências subjetivas, bem como também com regras e regularidades de uma determinada “exterioridade”.

E, além desses dois elementos fundamentais – o reconhecimento das parcerias e do exercício processual – certamente há outros critérios que podem definir a constituição desses indivíduos em sujeitos autores-editores (como por exemplo a condição soberana de leitores e o sentimento jubiloso pela autogestão), o que deixo para futuros desdobramentos da pesquisa.

Por ora, acredito que o mais urgente é confirmar, através desses elementos, o que afirmou André Schiffrin (2006), ele próprio editor por mais de trinta anos, ao assinalar que é preciso lembrar que *a experimentação e a descoberta* no mercado editorial ocorrem normalmente em pequena escala,

justamente nos nichos mais restritos de mercado, onde há mais espaço para *o risco e o entusiasmo*.

## REFERÊNCIAS

- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.
- CHARTIER, Roger. **Inscriver & Apagar**. Cultura, escrita e literatura. Tradução de Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- CHARTIER, Roger. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. Tradução de Luzmara Curcino e Carlos Eduardo Bezerra. São Carlos, SP: EDUFSCAR, 2012.
- FERNANDES, Luiz. **A imprensa periódica no Rio Grande do Norte (de 1832 a 1908)**. 2ª. ed. Natal: Sebo Vermelho Edições/Fundação José Augusto, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 12ª. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: **“Ditos e Escritos”: Estética – literatura e pintura, música e cinema** (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298
- MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso literário**. Tradução de Aldyr Sobral. São Paulo: Contexto, 2012.
- MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Coleção Leitura e Crítica)
- MAINGUENEAU, Dominique. **Doze Conceitos em Análise do Discurso**. Vários tradutores. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MELO, Manoel Rodrigues de. **Dicionário da Imprensa no Rio Grande do Norte (1909-1987)**. São Paulo: Cortez, 1987.
- MUNIZ JR., José de Souza. **Girafas e bonsais: editores “independentes” na Argentina e no Brasil (1991-2015)**. Tese (Doutorado em Sociologia). São Paulo: USP, 2016.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Um livro para todos e para ninguém. Tradução de Mário da Silva. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

SALGADO, Luciana Salazar. **Ritos genéticos editoriais**: autoria e textualização. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2011.

SCHIFFRIN, André. **O negócio dos livros**. Como as grandes corporações decidem o que você lê. Tradução de Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

TORRES NETO, José Correia (org.). **Travessia da Alfândega**: crônicas. Natal: Edição do Autor, 2011.

*Recebido em 18 de agosto de 2020.*

*Aceito em 30 de setembro de 2020.*

*Publicado em 30 novembro de 2020.*

## **SOBRE A AUTORA**

**Cellina Rodrigues Muniz** é graduada em Letras pela UECE, mestre em Linguística pela UFC e doutora em Educação pela UFC. Realizou Pós-Doutorado em Linguística na UNICAMP. É professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atua com Língua Portuguesa/Leitura e Produção de Textos em cursos de graduação e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFRN. Integra o grupo de pesquisa Práticas Discursivas na Contemporaneidade (UFRN) e o grupo de pesquisa FEeTA - Fórmulas e Estereótipos: teoria e análise (UNICAMP). Desenvolve e orienta pesquisas à luz da Análise do Discurso e tem interesse pelos seguintes temas de pesquisa: humor e estratégias linguísticas e discursivas humorísticas; práticas discursivas na pós-modernidade; história do livro e da imprensa; práticas de escrita/leitura alternativas e publicações independentes.

E-mail: [cellina979164@gmail.com](mailto:cellina979164@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7180-1994>